

MISOGINIA ONLINE: A RED PILL NO AMBIENTE VIRTUAL BRASILEIRO

Ana Carolina Weselovski da Silva¹

Inês Hennigen²

Resumo:

O presente artigo aborda questões relacionadas a alguns grupos que fazem parte da chamada manosfera, ou machosfera, que atuam principalmente por intermédio da internet. Trata-se de um trecho de uma pesquisa cartográfica que se deu por meio das redes sociais e páginas usadas pelos grupos que fazem parte da manosfera. Através desta cartografia buscamos produzir reflexões críticas acerca dos afetos que perpassam esses grupos, da sua defesa da masculinidade hegemônica e a forma como as mulheres são apresentadas nesse meio. Vemos que, por mais que dentro desse ambiente esses sujeitos se digam à princípio apenas preocupados com problemas e adversidades enfrentadas pelos homens na atualidade, o que trazem à tona e tornam evidente é muito da misoginia e do desprezo às mulheres ainda presentes no meio social.

Palavras-chave: *Red pill*; misoginia; manosfera; gênero

Abstract:

The present work addresses groups of men who act mainly through the internet and social networks that have the red pill as one of their main symbols, they are: the MRAs (men's right activists – activists for the rights of men), the PUAs (pick -up artists – artists of seduction), the Incels (involuntary celibates – involuntary celibates) and the MGTOWs (men going their own way – men following their own path). These groups form what has been called the manosphere or malesphere. This work was based on a cartography through the social networks used by the groups mentioned above. Through which we seek to produce critical reflections about the affections that permeate these groups, their defence of hegemonic masculinity and the way women are presented in this environment. We see that, although within this environment these subjects claim to be at first only concerned with problems and adversities faced by men today, what they bring to light and make evident is much of the misogyny and contempt for women still present in the social environment.

key-words: *Red pill*; misogyny, manosphere; gender

¹ Mestra em Psicologia Social, UFRGS.

² Possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1985), mestrado em Psicologia do Desenvolvimento pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1994) e doutorado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2004). É professora aposentada do Instituto de Psicologia/UFRGS, sendo atualmente docente convidada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional.

Introdução

Que tal tomar uma pílula que lhe fará despertar e ver além da ilusão? É o que prometem os adeptos da *red pill* e assim dão ares quase heroicos àqueles sujeitos que tomam suas elucubrações como se fossem verdades inquestionáveis. *Red pill* é um termo característico muito usado por homens que fazem parte da chamada “machosfera” (ou manosfera³). Trata-se de uma alusão ao filme de ficção científica *Matrix* de 1999 das diretoras Lilly e Lana Wachowski. Nesse filme acompanhamos Neo, um jovem programador que descobre que é vítima do Matrix, um sistema de inteligência artificial que manipula a mente das pessoas e cria a ilusão de um mundo real enquanto usa os cérebros e corpos dos indivíduos para produzir energia. Em determinado momento é dado ao protagonista Neo a possibilidade de escolher entre a *blue pill* e a *red pill*. Caso tomasse a *blue pill* ele voltaria a viver dentro de uma ilusão, mas se escolhesse a *red pill* sairia da matrix, deixaria de viver em uma ilusão e passaria a ver a realidade por mais dura que ela fosse.

Fazendo uma analogia a esse filme esses homens tentam fazer crer que toda a opressão histórica praticada contra as mulheres não passa de uma ilusão criada por um sistema “ginocêntrico”, usado para ocultar que na verdade seriam os homens a serem explorados e oprimidos por esse sistema. No filme de Lana Wachowski e Lilly Wachowski, a Matrix cria uma ilusão que faz com que os seres humanos acreditem que são livres quando na verdade vivem em uma simulação e são escravizados por um sistema inteligente, cuja existência ignoram. Analogamente, para esses masculinistas, acreditar que as mulheres foram/são subjugadas é uma ilusão criada para esconder o fato de que, na verdade, os homens são os explorados e oprimidos por um sistema ginocêntrico, a *red pill* dada por eles traria a “verdade” sobre a realidade social e sobre a “natureza” feminina (VAN VALKENBURGH, 2018).

A ironia disto é que as irmãs Wachowski, diretoras de *Matrix*, são duas mulheres trans e a sua obra traz um subtexto que fala de uma experiência transgênero, como já confirmado por Lilly. Contudo, as diretoras Wachowski acabaram tendo sua obra apropriada por um movimento extremista que rechaça pessoas como Lilly e Lana.

³ Termo que deriva do inglês *manosphere*, usado para se referir a um âmbito virtual em que predominam grupos de homens que costumam ter uma retórica frequentemente reacionária e hostil às mulheres.

Fazem parte da manosphere pelo menos quatro grupos. São eles: os MRAs (men's right activists – ativistas pelo direito dos homens), os PUAs (pick-up artists – artistas da sedução), os Incels (involuntary celibates – celibatários involuntários) e os MGTOWs (men going their own way – homens seguindo seu próprio caminho).

MRA – Este é um dos grupos mais antigos dentro da manosphere que começou a se formar nos Estados Unidos durante os anos 2000, onde alguns homens começaram a se organizar para reivindicar seus direitos, embasando suas ideias principalmente no livro *The Myth of the Male Power* (O mito do poder masculino) do autor Warren Farrell, publicado em 1996. Nesse livro Farrell nega a existência da dominação masculina e defende que os homens seriam o “sexo descartável” por assumirem tarefas arriscadas enquanto que as mulheres seriam colocadas no centro do bem-estar social, ficando em uma posição mais protegida e privilegiada.

O mais proeminente MRA, seguidor de Farrell, é Paul Elam, criador, em 2009, do site *A voice for men* (AVFM), que se tornou o principal portal utilizado por MRAs. Existia a versão brasileira desse site, homônima ao original, criada em meados de 2011, porém foi tirado do ar sendo substituído pela página *Movimento pelo direito dos homens*.

PUA – Também um dos grupos mais antigos dentro da manosphere, os PUAs se propõem a ensinar os homens a como seduzir e se relacionar com as mulheres. Seu criador é o estadunidense Daryush Valizadeh, que usa a alcunha de Roosh V., um sujeito conhecido por ser não só misógino, mas também xenofóbico, racista e homofóbico.

Todos os “ensinamentos” de Roosh V. são perpassados pela ideia de “neomascunidade” criada também por ele. Neomascunidade seria a forma de os homens se adaptarem aos tempos em que vivemos, a uma sociedade que, segundo ele, desprezaria características “tradicionais masculinas”. Traz um forte apelo a uma suposta natureza biológica que conferiria características distintas a homens e mulheres a partir das quais se justificariam os “papéis” de gênero que, segundo Roosh V., seriam necessários para o bom funcionamento da sociedade. As ideias propagadas por Roosh V. trazem uma forte defesa do patriarcado e da supremacia masculina.

Incels – Esse grupo é formado majoritariamente por jovens do sexo masculino que não conseguem manter relacionamentos sexuais e amorosos da forma como gostariam, tornando-se celibatários involuntários. Mesmo não compartilhando do mesmo propósito dos ativistas ou dos artistas da sedução, os incels sentem afinidade com a

retórica presente na manosphere que é costumeiramente misógina e, não raro, culpa as mulheres pelos problemas enfrentados pelos homens.

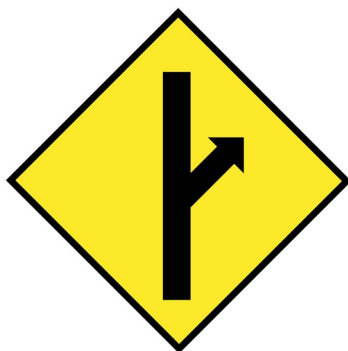
Os fóruns incels costumam ser repletos de discurso de ódio contra minorias sociais, especialmente contra mulheres, ao ponto de já terem levado alguns de seus membros a praticarem massacres, como por exemplo, o massacre de Isla Vista no qual Eliot Rodger, um estudante que se identificava como incel, no dia 23 de maio de 2014 perpetrou um assassinato em massa na região de Isla Vista, Califórnia, Estados Unidos, matando 6 pessoas, ferindo outras 13 e suicidando-se em seguida. Sua intenção inicial era matar principalmente jovens universitárias, pois sentia-se injustiçado por ser rejeitado por elas. Esse episódio passou a ser conhecido como o massacre de Isla Vista. Um ato abominável, porém, dentro da comunidade Incels, Eliot passou a ser reverenciado como *saint*⁴ Eliot.

MGTOW – A principal característica desse grupo é ser composto por homens que decidiram não se casar, nem manter qualquer tipo de relacionamento com uma mulher, pois acreditam ser muito arriscado relacionar-se com mulheres no contexto social atual. Trata-se de um dos grupos mais recentes, mas que vem tendo grande adesão, apresentando um discurso extremista e que compactua com ideias recorrentes na manosphere de que vivemos em uma sociedade misândrica e ginocêntrica.

Entre os princípios norteadores do **MGTOW** está rejeitar o casamento, o amor romântico e o cavalheirismo pois, para eles, são “costumes ginocêntricos” que acabam por levar à servidão masculina. Este grupo usa um símbolo próprio que se assemelha a uma placa de trânsito, onde há uma seta saindo de um traço central, o que para eles representaria o abandono ao casamento e à sociedade em geral.

⁴ Termo usado dentro dessa comunidade para glorificar alguém, entre os “homenageados” estão autores de massacres.

Figura 1 – Símbolo MGTOW



Fonte: mgtow.com

Além da *red pill* esses grupos costumam convergir na crença do ginocentrismo. Eles acreditam que vivemos em uma sociedade ginocêntrica e misândrica, ou seja, que beneficiaria as mulheres em detrimento dos homens. A “tese” do ginocentrismo criada por esses sujeitos traz que as mulheres estariam em uma posição social privilegiada, sendo colocadas no centro do bem-estar social. Pois, para estes grupos o fato de as mulheres terem sido mantidas restritas ao ambiente privado era apenas por uma questão de proteção, colocando os homens em uma posição de subserviência, tendo que trabalhar para manter e “servir” as mulheres. Remontam à sociedade medieval para tentar encontrar algum embasamento para as suas elucubrações, afirmando que as práticas “ginocêntricas” teriam origem no cavalheirismo e no amor cortês, no qual as mulheres eram tratadas quase como “deidades”.⁵ O que, para esses sujeitos, se caracterizaria como uma cultura que levaria ao sacrifício de homens em benefício das mulheres, uma sociedade que “institui regras para relações de gênero que beneficiam as mulheres em detrimento dos homens em uma ampla gama de medidas” (Wright, 2020).

Por conseguinte, para sustentar a ideia de ginocentrismo é preciso negar e invisibilizar todas as opressões e violências sofrida pelas mulheres ao longo da história, ou seja, deslegitimando sua história. A partir disto, o feminismo torna-se apenas a consequência de algo maior e teria por objetivo apenas perseguir e oprimir ainda mais os homens. A ideia de o feminismo ser apenas uma extensão do que acreditam ser o ginocentrismo é um ponto importante que vale ser destacado, pois para os masculinistas não bastaria ser apenas antifeminista, mas sim ser antiginocentrismo. Isto faz com que até

⁵ Mais informações podem ser consultadas em: <https://gynocentrism.com/> Acesso em: julho de 2022.

mesmo mulheres conservadoras e antifeministas sejam hostilizadas dentro da mansfêra, onde sãõ chamadas de “conservadias”.

Reaçãõ ao feminismo ou antifeminismo sempre existiu, mas este parece ser um movimento ainda mais pernicioso que mascara o que é apenas ódio com uma tentativa de intelectualidade e passa a ganhar adesãõ em um momento historicamente conturbado. Portanto, urge a produçãõ de uma reflexãõ crítica sobre esses grupos, vista a importãncia da problematizaçãõ sobre estes tipos de discurso que degradam, estereotipam e diminuem as mulheres. Apesar da questãõ de a masculinidade atravessar esta pesquisa, este trabalho é parte as lutas das mulheres contra tentativas de as silenciar e descaracterizar em tempos de levante conservador e guerra contra as mulheres.

Metodologia

O presente artigo é um recorte de uma pesquisa de mestrado cuja questãõ norteadora foi compreender a ontologia articulada a questões de gênero que os grupos pertencentes a mansfêra pretendem tornar reais através de suas práticas discursivas. Para tal, usamos como ferramenta teórica o conceito de política ontológica de Annemarie Mol (2003; 2008) e as contribuições de Foucault (2004; 2013) sobre práticas discursivas. Neste artigo em questãõ trago uma reflexãõ crítica, na qual foco nãõ somente nos grupos em si, mas em pontos importantes que atravessam tais grupos e suas práticas, como sua defesa da masculinidade hegemônica e a forma como as mulheres sãõ apresentadas nesse meio.

Este trabalho adota uma epistemologia feminista que parte de um compromisso ético e político com o conhecimento produzido. Por ser a academia um ambiente próprio do homem branco europeu, perdurou por um longo tempo na ciência um viés androcêntrico, ou seja, uma produçãõ de conhecimento tomada a partir de uma perspectiva masculina que negou às mulheres a capacidade e a autoridade do saber e, conseqüentemente, nãõ só nãõ aborda os interesses emancipatórios das mulheres, como também produz visões reducionistas destas (Sardenberg, 2007). A ciência nãõ é neutra, a despeito do princípio de neutralidade tãõ arrogado pela ciência moderna, pois sujeito e objeto nãõ podem ser simplesmente dissociados no processo de produçãõ de conhecimento. Nãõ se tratava de neutralidade, mas apenas de subjetividade única, no caso uma subjetividade branca e androcêntrica que perpassava a academia.

Portanto, frente a isto quando mulheres, em especial feministas, passaram a buscar por um lugar dentro do saber científico, colocou-se um desafio a ser transposto: encontrar estratégias epistemológicas que pudessem auxiliar na produção de um conhecimento politizado e que fosse capaz de fazer com que a produção feminista avançasse (Sardenberg, 2007).

Para Donna Haraway (1995) a objetividade feminista consiste em saberes localizados. Não se trata de buscar uma visão que transcende todos os limites e pode representar a tudo e a todos partindo de um olhar de lugar nenhum; mas sim de uma visão corporificada, localizada. Pois, todos os olhos são ativos, construindo modos específicos de ver, ou seja, modos de vida. Corporificando nossos saberes podemos nos tornar responsáveis pelo o que aprendemos a ver, evitando construir um conhecimento não localizável e, conseqüentemente, irresponsável. Essa autora defende que a alternativa ao relativismo não é uma visão única, não marcada e não localizável, mas que a melhor alternativa são saberes “parciais, localizáveis e críticos apoiados na possibilidade de redes de conexão” (1995, p. 23).

Assim, faço pesquisa enquanto uma mulher, branca, latina buscando produzir reflexões acerca de um objeto de estudo espinhoso e indigesto pelo qual sou frontalmente afetada, pois traz à tona muito da misoginia ainda latente no campo social que se pensava já estar sendo superada. Não busco esgotar esse tema, mas sim contribuir para sua melhor compreensão e produzir críticas com o intuito de apontar para uma sociedade mais justa e ética em que haja maior respeito pela dignidade humana.

Para a realização desta pesquisa foi utilizado o método cartográfico. A cartografia é um método de pesquisa-intervenção que leva em conta a indivisibilidade entre conhecer e fazer, trazendo como importante contribuição a problematização do ato de pesquisar e da posição da pesquisadora, de sorte que a pesquisa se torna um “campo de experimentação, atravessado pelo regime de sensibilidade” (Zambenedetti; Silva, 2011 p. 457). Rejeita assim a noção de uma pesquisadora neutra em relação ao campo, apenas coletando dados como se eles já estivessem lá a princípio. Ao contrário, partindo do método cartográfico, a coleta de dados foi operada a partir do meu encontro enquanto pesquisadora com o campo de pesquisa, onde minhas afetações também são consideradas durante esse processo, desenhando assim possíveis caminhos para a constituição dos dados coletados.

Cartografar não é somente levantar e interpretar dados, é um exercício ativo de operação sobre o mundo. Enquanto cartógrafa não tenho um itinerário a ser percorrido já definido, ao contrário, pesquisar usando este método é um caminho que se faz ao caminhar, se faz na força dos encontros, nas dobras produzidas na medida em que se percorre um território (Passos; Barros, 2015; Costa, 2014). Antes de buscar fazer uma fiel representação de algo, a cartografia se propõe a acompanhar um processo, levando em consideração sua multiplicidade e sua rede de conexões que faz com o mundo. Portanto, é necessário que como pesquisadora também me mantenha em movimento, afetando e sendo afetada pelo campo.

A noção de rizoma, fruto das contribuições de Deleuze e Guatarri (1995), é muito presente no fazer cartográfico. De acordo com os autores “num rizoma entra-se por qualquer lado, cada ponto se conecta com qualquer outro, não há um centro, nem uma unidade presumida — em suma, o rizoma é uma multiplicidade” (p.16). Assim, o rizoma caracteriza-se como uma rede de múltiplas conexões onde não há uma hierarquia, mas está em constante movimento produzindo novos agenciamentos. Contudo, o mapa produzido através de um processo cartográfico é, na verdade, apenas um decalque, pois o mapa possui como características a abertura e conectividade, onde o ponto principal não é seu desenho final, mas o movimento de constituição de seu traçado.

Nesta cartografia percorri por entre as redes sociais usadas pelos grupos citados acima, principalmente a partir de perfis hospedados no *instagram*⁶ e *youtube*⁷, tendo em vista que os grupos pertencentes à *manosfera* atuam quase que exclusivamente através das redes. Aqui são mencionadas as páginas: MGTOW Club, O homem racional – uma página voltada para ensinar a homens sobre sedução e relacionamentos; Samurai *red pill* – página que se utiliza da “filosofia” *red pill* juntamente com alguns postulados do *Bushido* (código de honra dos samurais), Homens e irmãos – página de ativismo pelo direito dos homens; e, por fim, o *Raccooning Raccoon* – MGTOW que produz vídeos para uma plataforma específica voltada apenas para conteúdos relacionados a esse grupo. O número de seguidores dessas páginas varia de quase 2 mil a 16 mil usuários. No transcorrer deste artigo utilizarei alguns ditos e imagens retiradas das páginas mencionadas para auxiliar a tecer algumas discussões.

⁶ Rede social online de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários, que permite aplicar filtros digitais e compartilhá-los em uma variedade de serviços de redes sociais, como Facebook, Twitter, Tumblr e Flickr.

⁷ Plataforma de compartilhamento de vídeos com sede em San Bruno, Califórnia.

Discussão

Um dos primeiros pesquisadores a se dedicar a compreender esse curioso movimento de homens raivosos que bradam serem muito injustiçados pela sociedade em que vivemos, foi o sociólogo Michael Kimmel. Entre suas obras está o livro *Angry White Men*⁸, fruto de sua pesquisa sobre os MRAs nos Estados Unidos, país onde esse grupo se originou. Kimmel argumenta que toda essa raiva pode ser proveniente de um senso de direito lesado, próprio de um grupo que ao longo de décadas e décadas manteve-se confortavelmente no topo de uma hierarquia social e agora vê essa posição ameaçada ou, ao menos, questionada (Kimmel, 2017; Oliveira, 2020). É o macho branco em fins de sua hegemonia que reage com ódio e violência.

Esses sujeitos frente às tensões que enfrentam passam a integrar grupos que se usam de disseminação de ódio como uma forma de lidar com as dificuldades que encontram, dentro dos quais constroem um senso de pertencimento. Esse ódio é comumente direcionado às mulheres e, mais especificamente, às feministas, que são colocadas como as culpadas pelo que os faz sofrer. Então, esses grupos se usam da violência para restaurar o senso de poder perdido (Kimmel, 2017; Oliveira, 2020). Não à toa, em um caso que recentemente ganhou bastante repercussão nas redes, um sujeito pertencente à mansferra e adepto da *red pill* ameaçou uma atriz e humorista com “processo ou bala”⁹ após ela ter feito uma paródia sobre pessoas como ele, sem sequer citar seu nome. É a violência que está terminantemente emaranhada nesses grupos, à qual recorrem para defender-se de agravos sentidos.

Esta posição de colocar-se como uma vítima injustiçada, e apenas remoer seu rancor por aqueles que veem como seus algozes, é uma característica própria do sujeito do ressentimento. O filósofo Nietzsche (2017) discorre sobre o ressentimento quando teoriza sobre a moral de senhores e a moral de escravos. Para ele, trata-se de um afeto característico de um sujeito apequenado em si mesmo que atribui a um outro “mau” a responsabilidade pelo o que o faz sofrer. Enquanto concebe quem vê como inimigo como mau, o ressentido em contrapartida cria uma imagem de si mesmo como perfeitamente

⁸ Homem branco raivoso, em uma tradução livre.

⁹ <https://www.correiobraziliense.com.br/diversao-e-arte/2023/02/5076391-calvo-do-campari-ameaca-atriz-livia-la-gatto-processo-ou-bala.html>

“bom” e “inocente”. Para o sujeito do ressentimento é sempre o outro que está em questão, nunca questiona a si mesmo nem a justeza de seus atos, por mais que suas motivações não sejam em nada éticas.

Dentro da mansfera, é possível notar que, apesar de toda a violência e opressão sofrida historicamente pelas mulheres, esses sujeitos colocam o homem como a maior vítima da sociedade e do “ginocentrismo”. Fato que torna óbvia a presença do ressentimento como afeto preponderante, pois o ressentido sempre se coloca como uma vítima inocente de uma injustiça, de um complô, sem questionar a si mesmo e se responsabilizar por suas escolhas, o que o ressentido não arisca, de forma alguma, é o seu narcisismo. O que, considerando a teoria nietzschiana, o torna um fraco (Kehl, 2020).

O sujeito do ressentimento sente como se estivesse sendo privado de um direito que toma como natural, que como uma “dádiva” lhe deveria ter sido conferido apenas por ser quem é, mas por conta de alguém maldoso isto lhe foi tirado (Kehl, 2005). Isto é algo característico de quem faz parte desses grupos pertencentes a mansfera, sujeitos que não se sentem em nada poderosos, mas acreditam que deveriam se sentir e se não ocupam essa posição de poder que acreditam que deveria ser sua, é por que foram “vítimas inocentes” de um inimigo “mau” e “perverso”, ou melhor, de uma inimiga má, neste caso as mulheres. Por isso debatem-se sob os grilhões do “ginocentrismo” que se sentem vítimas, ruminando seu ódio e ressentimento contra aquelas que veem como suas algozes, a quem atribuem a responsabilidade pelo o que os faz sofrer. Não por acaso, uma das formas mais frequentes em que as mulheres são retratadas nesse meio é como más e manipuladoras, inclusive relacionando-as com figuras demoníacas. São tão apequenados e acovardados que se sentem vítimas de algo quase sobrenatural.

AQUELA IMAGEM QUE FALA MAIS QUE 1.000 PALAVRAS!



Fonte: MgtowClub

O afeto do ressentimento se intensifica dentro desse grupo social, justamente em um momento de precarização da vida pelo neoliberalismo. Kimmel (2017) já havia identificado em sua pesquisa um dos fatores que levavam jovens a aderir esses grupos de ódio: viver em uma sociedade que demandava consumo como uma forma de afirmação social, enquanto era cada vez mais difícil obter o sucesso e prestígio que almejavam, através do trabalho, da mesma forma que seus pais e avós fizeram.

Somando-se a isto, vale lembrar, que há décadas atrás qualquer trabalhador por mais simples que fosse, ainda tinha uma propriedade garantida: sua esposa e filhos; o pátrio poder, que já não existe mais. Derivado do direito romano, o pátrio poder perdurou por muitos anos na legislação brasileira restringindo os direitos civis das mulheres, colocando-as seus filhos sob a tutela do marido, o detentor do direito de decidir sobre suas vidas como se fossem suas propriedades. Com a Constituição de 1988, a chamada “constituição cidadã”, o pátrio poder foi estendido também às mulheres e apenas em 2002 esse termo foi retirado do código civil, sendo substituído por poder familiar.

Característica marcante do pátrio poder é precisamente a autoridade do patriarca sobre esposa, filhos e escravos (em alguns casos), os quais estavam sobre a sua mão.

Portanto, a mulher ocupava uma posição semelhante ao próprio filho, sendo colocada em uma posição de inferioridade e obediência em relação ao marido, detentor exclusivo do pátrio poder (Freitas; Silva, 2013). Com a evolução das relações familiares a noção de pátrio poder foi sendo substituída por uma valorização da relação social paterno-filial, na qual se enfatiza os deveres e a responsabilidade dos pais (pai e mãe), que devem zelar pela proteção e pelos cuidados com sua prole.

Entretanto, é pela falta dessa autoridade do patriarca, desse poder sobre a vida e a morte de seus tutelados que se lamentam os *redpillados*¹⁰, sendo esta uma de suas reclamações mais recorrentes. “Os termos do casamento hoje em dia não valem mais a pena”, dizem. Maria Rita Kehl (2020, p. 30), em seu livro “Ressentimento”, nos elucidada:

O ressentido traduz a falta como prejuízo cuja responsabilidade é sempre de um outro contra quem ele dirige insistentemente um rosário de queixas e de acusações. A insistência na repetição da queixa ressentida não me parece ter o caráter compulsivo e descontrolado de afetos como os ciúmes, por exemplo, com seu componente persecutório que o sujeito não consegue evitar. Não é espontâneo, como a ira e a alegria, nem inominável, como a angústia. Embora as queixas repetitivas do ressentimento não escapem à determinação inconsciente, servem, acima de tudo, aos mecanismos de defesa do eu. Isso significa que, em um processo de análise, as queixas ressentidas trabalham contra a associação livre e, sobretudo, impedem a implicação subjetiva do analisando. O ressentido reconhece seu sofrimento, mas atribui toda a responsabilidade ao outro, mais poderoso que ele, suposto agente do mal que o vitimou.

Circulando pela machosfera brasileira pude identificar que um dos MGTOW que assume uma posição de autoridade, sendo uma referência “intelectual” para os demais, até mesmo chamado de mestre, é um sujeito que se apresenta sob o pseudônimo de Raccooning Raccoon. Esse sujeito, em um de seus vídeos mais assistidos, defende que o casamento hoje em dia não tem um arranjo que beneficie ou privilegie os homens. A saída para isso seria “homens e estado” reorganizarem os termos do casamento, já que, segundo ele, “as mulheres não sabem o que fazem”. Ou seja, o que esses sujeitos mais buscam é a volta de um estado de dominação.

Aqui, parto de uma noção foucaultiana de poder, ou melhor, de relações de poder, pois poder não é algo que alguém possa deter, ter em posse; mas sim se exerce nas relações e consiste basicamente em conduzir condutas. Relações de poder não provêm

¹⁰ Neologismo com o termo red pill usado na mansfera para identificar seus adeptos.

apenas do Estado, de uma autoridade para com os sujeitos, mas perpassa todo o tecido social e estão entremeadas em todas as relações humanas. Contudo, é importante destacar que poder apenas se exerce entre sujeitos livre e, assim, onde há poder, há resistência e há possibilidade de liberdade (Foucault, 2005).

Entretanto, quando um grupo consegue estagnar as relações e usar de subterfúgios que cerceiam tanto as possibilidades de ação e resistência de outro grupo, a ponto de não ser possível para o grupo subalternizado sair dessa posição e muito menos chegar a reverter essa relação, isso se trata de um estado de dominação. E era isto que representava a forma de organização social vigente há décadas atrás, em que os espaços públicos eram dominados pelos homens e as mulheres eram restringidas ao ambiente doméstico, sendo colocadas em um lugar de dependência em relação aos seus maridos e sequer tinham capacidade civil plena. E é a esta dominação que a machosfera anseia por voltar, anseiam por poder subjugar novamente as mulheres em uma posição de subordinação.

Eis aí um ponto de tensão entre conservadores e red pills, pois defender valores e papéis de gênero tradicionais não seria o suficiente para voltar a um estado de dominação semelhante ao início do século XX, tendo em vista que nos dias de hoje as mulheres estão mais amparadas legalmente em caso de divórcio e mais protegidas em relação à violência doméstica. Para os redpillados é preciso retroceder ainda mais, tanto que leis como a Lei nº 11.340¹¹, popularmente conhecida como Lei Maria da Penha, Lei nº 13.104/2015, lei do feminicídio¹² são comumente atacadas dentro desse meio. Por conta disto, muitos deles não se dizem apenas antifeministas, mas sim “anti-ginocentrismo”.

Ademais, dentro da manosfera é recorrente nos depararmos com uma defesa e perpetuação de uma forma de masculinidade recrudescida, pois no cerne das lamúrias desses grupos está a defesa da supremacia masculina que se faz de forma ora mais evidente, ora mais sutil, mas sempre presente. Por terem por intuito o fortalecimento de um eixo de dominação baseado em gênero, esses sujeitos fazem uma defesa veemente da masculinidade hegemônica, pois é esta forma de masculinidade responsável pela legitimação e manutenção da subordinação das mulheres frente aos homens.

¹¹ Lei que visa coibir e punir de forma adequada atos de violência doméstica contra a mulher.

¹² A Lei nº 13.104/2015 torna o feminicídio um homicídio qualificado e o coloca na lista de crimes hediondos, com penas mais altas, de 12 a 30 anos. É considerado feminicídio quando o assassinato envolve violência doméstica e familiar, menosprezo ou discriminação à condição de mulher da vítima.

Masculinidade hegemônica é um conceito formulado inicialmente por Raewyn Connell (2013), quando ela se propõe a pensar sobre masculinidades e a dominação masculina. Esse conceito se refere a um padrão de práticas que levaram à perpetuação da dominação dos homens sobre as mulheres, padrão este que dita a forma mais adequada e mais honrada de ser homem, enquanto legitima a subordinação das mulheres. Essa forma de masculinidade não detêm um lugar de hegemonia por uma questão estatística, podendo não ser performada por boa parte dos homens. Contudo, tem força normativa e é a ela que todos os homens devem se reportar, produzindo assim, simultaneamente, masculinidades subordinadas (Connell, Messerschmidt, 2013).

Dentro da mansofera é comum encontramos “ensinamentos” de como ser um homem honrado, como ser um alpha, um homem de alto valor e assim por diante. Disseminam um código de condutas que os homens deveriam seguir, incorporando muitos elementos da masculinidade hegemônica de poder e dominação que reforçam uma hierarquia de gênero. A exemplo disto, pode-se citar aqui uma publicação da página “Manual *redpill*¹³” (2021). A publicação em questão traz uma citação de Nessaham Alita¹⁴ que diz: “Se formos muito (e somente) carinhosos, seremos vistos como **machos de segunda classe**, incapazes de dar proteção. Seja firme, fale com um tom de voz grave, **trate-a como uma menina**. Exerça uma **autoridade** protetora e **comande**”.¹⁵

Como esse exemplo existem muitos outros, sempre trazendo ensinamentos para os homens exercerem autoridade e alertando para os “perigos” das manipulações femininas, o que justificaria e legitimaria o controle masculino sobre as mulheres.

Indo ao encontro da defesa de uma masculinidade hegemônica, existe um culto a uma certa corporeidade dentro da mansofera, onde é comum vermos corpos extremamente musculosos e viris sendo colocados como um ideal de masculinidade. Para compreendermos esse movimento precisamos ter em mente que corpos são tanto objetos quanto agentes na prática social. Esse ideal de corporeidade masculina, de um corpo forte e musculoso, faz parte de um padrão normativo no qual músculos são indicativos de

¹³ Página mantida por Thiago Schutz, que recentemente ficou conhecido nas redes de forma satírica como o “calvo do campari”, após ter ganhado muita visibilidade um vídeo seu onde ele afirma não ter aceito uma cerveja de uma mulher e preferiu continuar tomando campari pois, segundo ele essa simples oferta seria na verdade uma tentativa de manipulá-lo e moldá-lo.

¹⁴ Trata-se de um pseudônimo, não se sabe ao certo a identidade deste autor que tem publicado livros como “O profano feminino”, tornando-se muito popular entre os *red pill*..

¹⁵ Grifos da autora.

masculinidade, e a musculabilidade é associada à poder de ação e protagonismo. (Connell, 2013; Beiras et al., 2007; Moura, 2022).

Connell (1995) traz que ao se tratar de gênero, quando as práticas sociais se dirigem aos corpos, são corporificadas por estes; a masculinidade é vivenciada no cotidiano por posturas, movimentos, forma de se comportar, demonstração de habilidades e assim por diante. A corporificação da masculinidade hegemônica depende, também, do rechaço à características associadas tipicamente ao feminino, buscando se firmar por meio da negação de tudo o que é associado à feminilidade. Isto em um contexto onde a masculinidade ocupa o topo de uma hierarquia, vista como um elogio, algo que levaria a glória; feminizando e humilhando as outras (Moura, 2022).

A masculinidade hegemônica traz a imposição de uma série de normas e de um projeto de gênero no qual a masculinidade é definida não só a partir da negação da feminilidade, mas também da sua depreciação. Assim, as relações de poder vão sendo definidas de forma a colocar e legitimar o homem como um ser que domina as mulheres (Fallgatter, 2021). O desprezo pelas mulheres e por tudo que se aproxima do feminino se manifesta de forma muito forte na mansferra, o que vai desde falas escancaradamente misóginas, até o uso constante de termos pejorativos, tais como “modernetes” ou “conservadias” para se referir às mulheres. De fato, a forma como costumam falar sobre as mulheres é sempre em tom de depreciação.

Circulando por esse meio vi muito presente uma discussão sobre as mulheres e sua “natureza”, como também, tentativas de teorização sobre como as mulheres seriam privilegiadas e favorecidas por um sistema “ginocêntrico”. Frente a isto, surge uma pergunta pertinente: “Mas de que mulheres estão falando?” Depois de muitas derivas por entre imagens, vídeos e textos a resposta que me ocorre para essa pergunta é: “Bem, de nenhuma”. Com isto quero dizer que por mais que existam mulheres criminosas, promíscuas, “interesseiras”, a forma como constroem a imagem das mulheres diz respeito a suas crenças, medos e angústias.

Há um sofrimento em muitos destes que se identificam sob o signo da *red pill* contudo, direcionam este sofrimento às feministas e às mulheres em geral que são, então, investidas como as responsáveis por isto, aquelas que os fazem sofrer por terem supostamente levado a sociedade a um estado caótico, segundo o que acreditam. Como denota a afirmação do *MGTOW Club* (2021) de que não estão necessariamente em guerra contra as mulheres, mas “sabem quem elas são e do que são capazes”. Não tratam de

questões sociais contemporâneas que podem trazer adversidades aos homens, mas sim de mulheres e como estas podem ser perversas.

Trazem a figura feminina como algo destituído de subjetividade, um simulacro vazio preenchido por suas crenças e medos. Então, ora são como crianças irresponsáveis, ora são seres terríveis que podem destruir a vida de um homem. Esta forma vazia de caracterizar as mulheres se torna evidente no vídeo intitulado “mulheres independentes” de *Raccooning Raccoon* em que se tenta argumentar, sem apresentar quaisquer dados ou evidências, que as mulheres em sua maioria não são independentes. Durante este vídeo o MGTOW afirma que as mulheres sempre vão procurar por alguém que tenha uma renda igual ou superior a sua, ou melhor, alguém que ganhe duas vezes mais que ela mesma, pois então, poderia largar seu emprego e passar a viver sem trabalhar tendo o mesmo padrão de vida. Ou seja, para este MGTOW, é como se as mulheres não possuíssem desejos e ambições, não sentissem realização pessoal ao exercer uma profissão; não só se satisfariam com uma vida restrita ao lar, como buscariam por tal.

Este MGTOW constrói a imagem das mulheres quase como um parasita, como se não possuíssem habilidades e competências necessitando ser sustentadas por alguém. A desconexão com a realidade de *Raccoon* chega ao ponto dele pensar que simplesmente receber uma pensão alimentícia seria o suficiente para uma mulher ter estabilidade financeira para o resto da vida. Isto acontece em um outro vídeo em que ele faz a “previsão” de que daqui a alguns anos seria criado um auxílio para idosos, que na verdade seria destinado a mulheres idosas, pois cada vez mais as mulheres estão optando por não casar e não ter filhos, o que faria com que no final da vida necessitassem de algum auxílio para sua subsistência. *Raccoon* inferioriza as mulheres ao ponto de propagar que elas seriam incapazes de simplesmente cuidar da própria vida sozinhas. É muito claro que todas as “teorizações” de *Raccooning Raccoon* não possuem o menor lastro na realidade, partem apenas de seu imaginário misógino que despreza e inferioriza as mulheres de todas as formas.

Por mais que suas elucubrações partam muito mais de suas fantasias e afetos, isto não significa que não produzam efeitos de verdade e não possam moldar a realidade a partir do momento que constroem para seus seguidores uma imagem sobre as mulheres em que estão constantemente inferiorizando-as ou colocando-as como más e perigosas. Podemos pensar que existe uma política ontológica em disputa. Annemarie Mol (2008; 2003) ao teorizar sobre política ontológica, o faz para enfatizar como o político está

implicado no real, isto sugere que a realidade não precede as práticas com as quais interagimos com ela, mas antes é moldada por estas práticas; este termo torna evidente o processo ativo de modelação do real por meio de práticas sociais. Se o real não precede as práticas mundanas, então as condições de possibilidade não estão dadas, mas são modeladas no interior dessas práticas, sendo esse processo de modelagem de caráter tanto aberto quanto contestado. A “política” trata-se do fato de que a realidade poderia organizar-se de diversas maneiras diferentes, há diversas possibilidades para se moldar o social.

Apesar de Raccoon apresentar uma visão muito distante da realidade e raramente embasar seus argumentos com fatos e dados, ainda assim este é um dos MGTOW que tem mais destaque dentro da manosphere brasileira, sendo alçado a um lugar de “mestre” pelos outros usuários. Parece-me que por mais que reivindicam a razão e a capacidade de pensar racionalmente como algo próprio dos homens, enquanto as mulheres seriam emocionais e irracionais, suas próprias crenças e convicções são movidas majoritariamente por suas emoções de medo e ódio.

A forma vazia e destituída de personalidade e subjetividade com a qual as mulheres costumam ser retratadas se explicita também quando *O homem racional* (2021) explica para seus seguidores que quando uma mulher diz não fazer algo por algum motivo, na verdade ela faria isto que está dizendo não fazer com um homem que despertasse esse desejo nela. Novamente são caracterizadas não como sujeitos que possuem desejos, vontades e preferências; mas como sujeitos que poderiam ser levadas a fazer o que for, mesmo o que a princípio dizem não querer, para isto bastaria “despertar-lhes seu desejo”.

O administrador desta mesma página sempre que um seguidor o questiona se seria uma boa ideia voltar com a ex, responde comparando-as a objetos usados, geralmente devolve a pergunta questionando este seguidor se ele compraria um carro que já teve muitos donos. Em determinada publicação ele replica a afirmação de que o histórico sexual de uma mulher não determina o valor dela com a seguinte pergunta: “Ok, então um par de tênis que já teve 50 donos anteriormente, deve valer o mesmo que um par de tênis novos? Uhum, senta lá. (sic)” (O HOMEM RACIONAL, 2021) Ou seja, para ele mulheres são como objetos que se forem muito usados perdem o valor.

Um sistema de opressão sempre implica em um desprezo à subjetividade do oprimido. Na manosphere as mulheres não são reconhecidas como sujeitos cada quais com

suas singularidades, mas são constituídas a partir de uma visão masculina e o desprezo por suas subjetividades se manifesta a todo instante, como quando são caracterizadas como modernetes ou como conservadias. Modernetes são as mulheres modernas que se distanciam daquelas mulheres do lar, dóceis e submissas, que são muito liberadas e promiscuas para o que creem. Enquanto que conservadias são mulheres conservadoras, mas que, para eles, só assumem esta posição por almejar os benefícios de ter um provedor, contudo não assumem suas responsabilidades, ou seja, sua posição de submissão. Indo ao encontro disto a página *O homem racional* (2021) alerta para que seus seguidores tomem cuidados com as “espertinhas” que, segundo ele, seriam mulheres que dizem defender relacionamentos tracionais apenas para obterem a liberdade de ficar à toa em casa, se isentando de responsabilidades enquanto que tem alguém para as sustentar.

Modernetes, conservadias, espertinhas, falsas conservadoras, mulheres de direita que não são muito diferentes de feministas de esquerda¹⁶. Por mais que alguns destes digam que acreditam ainda existir mulheres com as quais vale a pena ter um relacionamento, me parece que dificilmente uma mulher não será hostilizada nesse meio. Valem a pena para um relacionamento apenas até se tornarem “incorrigíveis”, como traz o *Samurai Redpill* (2021).

Criar termos pejorativos para definir as mulheres é um movimento significativo, tendo em vista que somos um ser linguístico e necessitamos da linguagem para existir. As injúrias reiteradamente direcionadas as mulheres, visam retirar-lhes a agência sobre si mesmas constituindo-as em uma posição de subalternidade. Pois, há uma relação inseparável entre corpo e fala e, conseqüentemente, entre fala e seus efeitos, onde o discurso de ódio não apenas reflete uma relação de dominação social, mas coloca em ação a dominação e, então, o discurso torna-se veículo através do qual a ordem social, baseada em certas opressões, é reestabelecida. O que o discurso de ódio faz, então, é constituir o sujeito em uma posição subordinada (Butler, 2021).

Durante meus percursos notei que uma das formas recorrentes de apresentar as mulheres era como perigosas, alguém com um potencial destrutivo ao qual deveriam manter-se atentos. Como as imagens abaixo, esbarrei em muitas outras em que a figura de uma mulher aparece vinculada a algo demoníaco.

¹⁶ Esta é uma noção que circula principalmente entre MRAs na qual acreditam que o ginocentrismo estando intrínseco a cultura também se manifesta em mulheres e homens que se identificam com o espectro político da direita conservadora, então, segundo o que creem os ativistas, as mulheres de direita também tenderiam a colocar os homens em uma posição de terem de servi-las, em nada muito diferente de feministas.

Figura 2 – Como mulheres são retratadas



Fonte: Compilação feita pela autora¹⁷.

A respeito disto o *Samurai Redpill* (2021) fez várias publicações tratando da “magia negra do magnetismo feminino”, onde elenca a dissimulação, a voluptuosidade, a mentira, o sexo e o que chama de dúvida nefasta como as principais características desse magnetismo, então discorre sobre cada uma para que seus seguidores possam conhecer e assim evitar cair no que vê como armadilhas. Sobre a dissimulação, este sujeito traz que mulheres são seres teatrais e por isso vão ocultar suas verdadeiras intenções e interesses, confundindo-os com sua “ardilosa hipocrisia”. Dissimulando-se em uma aparência inocente de alguém que necessita de ajuda, oculta sua “face obscura” para manipular os incautos. Sobre a voluptuosidade diz que a beleza que apresentam é proporcional a destruição que podem causar, se usam dos atributos que agradam os homens para apunhalá-los pelas costas no momento mais oportuno. “Você caminha para o precipício do apaixonamento sem perceber”. Com relação a mentira o *Samurai Redpill* (2021) diz que lhe parece que as mulheres têm uma facilidade maior para mentir, adoram enganar e ocultar fatos desde crianças (ainda pontua que por vezes possuem até a conivência da mãe). Mas para isto apresenta uma solução:

Mais uma vez, nosso erro consiste em não aceitar tal natureza fria delas. Sugiro que, para se blindar e contra atacar a espertinha, é necessário estimular suas falácias até que se tornem ridículas e encurrale-as. Elas não se envergonham da mediocridade que o intelecto delas possui, a dor

¹⁷ As figuras foram retiradas respectivamente das páginas MGTOW Club, MGTOW Brazil e *Samurai Red Pill*.

de uma mentira provêm da recusa do homem e incapacidade de aceitação como inerentes da natureza humana.

Na sequência diz que as mulheres usam os impulsos sexuais masculinos para controlá-los, enquanto que a satisfação que obtêm disto é de sentirem-se desejadas. Por fim, por dúvida nefasta diz que estas deixam dúvidas e assuntos mal resolvidos de forma proposital jogando com contradições e indefinições para deixar a contraparte em um estado de confusão. “Ela vai jogar com você até os limites, sem escrúpulos para testar suas qualidades como macho de alto padrão e como um bom reprodutor/provedor”.

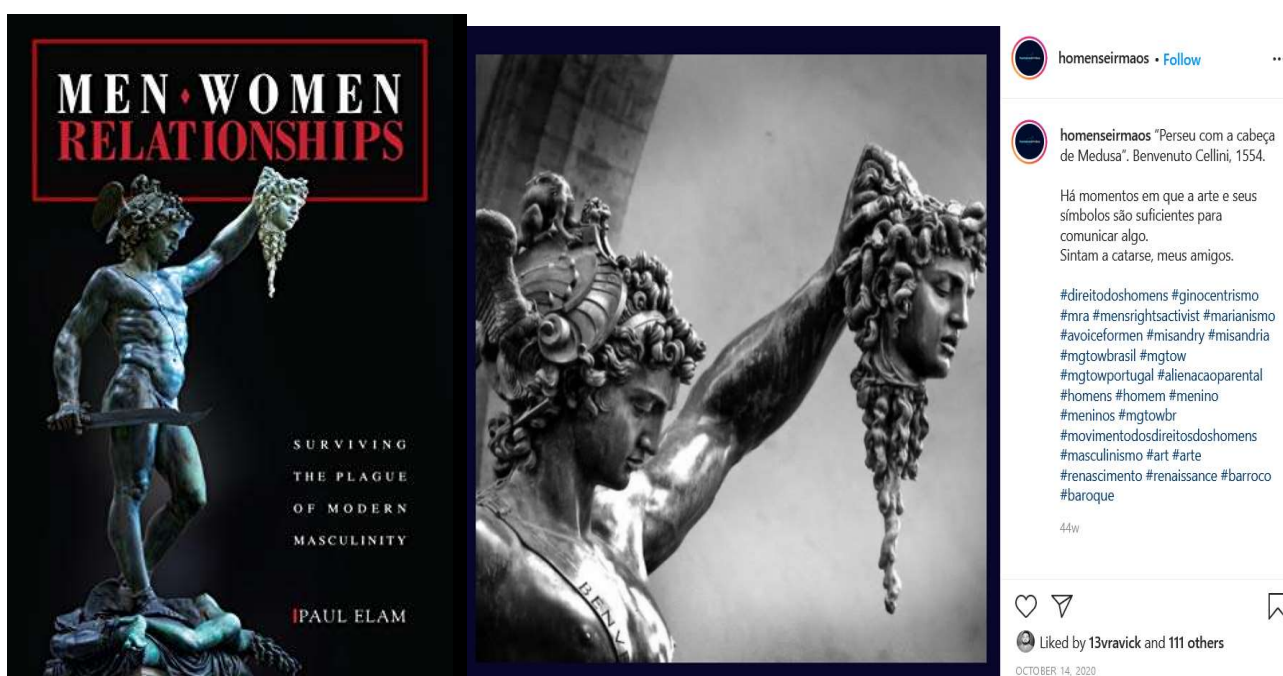
Já a página *MGTOW Club* (2021) faz uma comparação de que mulheres podem ser tão perigosas e inóspitas quanto um deserto, podendo engolir e sufocar homens como areias movediças. Esta página traz que quem cai nestas armadilhas são aqueles fracos emocionalmente e sem controle sobre seus impulsos, que se deixam levar pelo “caos” social, aceitando tudo o que a sociedade lhe impõe e espera que seja. Posteriormente, esta mesma página pontua que as modernetes (ou destruidetes como trazem em dado momento) nada mais estão fazendo do que mostrar sua “face do demo” que sempre tiveram desde os tempos de Eva¹⁸, mas que em décadas passadas não mostravam por conta das regras morais que eram impostas. Este MGTOW traz como o mau tem sido identificado com as com mulheres desde tempos bíblicos, o que justificaria serem submetidas a um domínio e controle masculinos, pois só assim, sendo controladas e tolhidas, é que representariam uma menor ameaça e seu “lado maligno” não se mostraria livremente. A partir de publicações como esta parece haver ao mesmo tempo um medo e uma necessidade de controle sobre o feminino e o que este representa.

Sobre a malignidade que supostamente habita as mulheres a página *Homens e irmãos* em uma publicação de outubro de 2020 divulgou uma foto em que mostra a escultura de Perseu segurando a cabeça de Medusa, parte da mitologia grega, com a legenda: “Há momentos em que a arte e seus símbolos são suficientes para comunicar algo. Sintam a catarse, meus amigos”. Página esta em que a figura da Medusa já apareceu outras vezes representando aquilo que combatem, geralmente o feminismo ou o “ginocentrismo”.

¹⁸ Se referem a mitologia bíblica em que a Eva come o fruto proibido fazendo com que ela e Adão sejam expulsos do paraíso.

Não foi a primeira vez que vi a Medusa sendo associada com o feminismo, ou que eles combatem. A capa do livro “*Men. Women. Relationships*”¹⁹ de Paul Elam, um dos principais nomes do ativismo pelos direitos dos homens nos Estados Unidos, também traz esta escultura do Perseu matando a Medusa. Mesmo que digam que com a Medusa identificam a vitória sobre o feminismo, e não necessariamente sobre as mulheres em geral, vale lembrar que há uma noção recorrente dentro da mansferra de que todas as mulheres têm algo de feminista, mesmo as que se dizem conservadoras. É próprio do ressentimento o sujeito se ocupar de gozar na fantasia sua vingança, portanto estes ativistas regozijam-se em fantasia através do mito de Perseu.

Figura 3 – Perseu e a Medusa



Fonte: página homens e irmãos e livro do Paul Elam

É emblemático que se usem do mito de Medusa e sua trágica história para representar aquilo que se empenham em combater. Muitos conhecem o monstro com cabelos de serpente que tem o poder de petrificar quem olhar em seus olhos, mas poucos sabem da história de como se tornou tal. A mitologia grega traz que Medusa era uma das mais devotadas sacerdotisas de Atena que por sua beleza encantava mortais e imortais,

¹⁹ https://www.amazon.com.br/Men-Women-Relationships-Surviving-Masculinity-ebook/dp/B07S6L199R/ref=sr_1_1?mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&keywords=paul+elam&qid=1637459903&sr=8-1

entre eles o deus Poseidon que também nutria uma rivalidade pela deusa Atena e por conta disto decidiu corromper a pureza de sua mais destacada sacerdotisa para atingir a deusa. Mas Medusa, se esquivava constantemente das investidas de Poseidon que cansado das negativas e dominado pela paixão, o deus dos mares decidiu violar a sacerdotisa dentro do templo. Então, Atena furiosa pelo o que levou como uma grave afronta, castigou sua sacerdotisa transformando toda sua beleza em monstruosidade, assim surgiu o monstro Medusa, condenada pelo o que foi vítima (Konrad, 2017).

Por conta de sua história, em muito semelhante a de vítimas de abuso sexual, Medusa também já foi tomada como um símbolo da luta feminista. Em outubro de 2020, em um revisionismo do mito, uma estátua representando Medusa segurando a cabeça de Perseu²⁰ foi colocada em frente ao tribunal onde o produtor de cinema americano Harvey Weinstein foi julgado e condenado a 23 anos de prisão por estupro, sendo este o caso que deu início ao movimento MeToo²¹.

Como dito anteriormente outra forma de apresentar as mulheres, também muito presente neste meio, é comparando-as a crianças. Isto vai desde insinuar de forma mais sutil, até dizê-lo explicitamente. Neste sentido a página *O homem racional* (2021) traz sobre o que diz ser uma neotenia psicológica apresentada por algumas mulheres.

Neotenia é um termo advindo da biologia usado para definir algumas espécies em que um organismo já adulto retém algumas características juvenis. Então, a página citada se apropria deste termo científico e passa a usá-lo para designar o que seria uma neotenia psicológica, condição na qual uma pessoa já adulta ainda apresentaria características mentais próprias de uma criança ou alguém jovem, imaturo. Condição que usa para designar em especial algumas mulheres, pois segundo ele, apresentam mais frequentemente um comportamento de se isentarem de responsabilidade sobre suas ações, a exemplo de Eva que culpou a serpente por tê-la convencido de comer do fruto proibido. Continua dizendo que isto se deve pela neotenia física levar à neotenia psicológica. Em suas palavras:

A Neotenia Psicológica, está condição de infantilidade é tratada mais adequadamente como uma condição psicológica de alguém que retém traços da infância, em um corpo e mente ‘adultos’. Curiosamente, a Neotenia Psicológica é mais vista em mulheres porque a própria Neotenia física – qualidade de quem retém também características infantis no corpo adulto (vide a traços faciais, olhos grandes, fala aguda,

²⁰ <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-54669548>

²¹ Movimento contra o assédio e agressão sexual que teve muita repercussão em 2017, através do uso da hashtag #MeToo

poucos pelos corporais etc.), acaba que por fim puxando a Neotenia Psicológica juntamente consigo. Visto que é uma característica infantil a terceirização da culpa, esta atitude em pessoas adultas se torna inadmissível e até algo a ser repudiado; é intolerável que uma pessoa adulta insista em atitudes completamente antissociais²² de terceirizar (sic) a culpa na intenção de se isentar de quaisquer consequências.

A ideia de que mulheres tendem a tentar se eximir de responsabilidade é algo também enunciado por *Raccooning Raccoon*, que chega a afirmar que “responsabilidade é a criptonita das mulheres” e então, a partir disto defende que elas estariam mais próximas de serem como crianças ou adolescentes, do que adultas. Quando fala de responsabilidade *Raccoon* geralmente se refere a mulheres que esperam (ou delegam, segundo ele) o papel de provedor ao homem.

Samurai Red pill (2021) afirma: “mulheres são como crianças, dê a elas o que precisam e não o que te pedem”, segue dizendo que é possível notar suas semelhanças com crianças através de seus gostos por doces, de seus “dramas teatrais” e suas rebeldias, além de seus traços físicos. Chorar seria uma de suas características “infantis”. Então, deixa um alerta para seus seguidores: “procure enxergá-las como meras crianças, mas esteja sempre atento às suas ardilosas travessuras”.

Esta noção que aproxima mulheres de crianças também apresenta-se de formas mais sutis, como em citações que estão sempre circulando nesse meio, a exemplo de uma frase de Don Corleone²³ em que diz que mulheres e crianças podem ser descuidadas, mas homens não.

Essa estratégia de infantilização das mulheres não é em nada nova e foi usada por séculos como mecanismo de opressão em uma sociedade onde se dá a dominação masculina, na qual as mulheres são colocadas como frágeis e dependentes dos homens, e por isto, subordinadas a estes, além de as tolher completamente em suas capacidades. A machosfera apenas traz com muita evidência o que perdurou por anos e ainda existe latente em nossa sociedade. Vale ressaltar que nisto existe um viés de raça, já que esta infantilização não se dá quando se trata de mulheres negras. Destas não se espera fragilidade ou inocência, pois se por um lado são hipersexualizadas, por outro são

²² Neste momento fica-me claro que este sujeito pouco entende de psicologia, visto que o ato de tentar se eximir da culpa por seus atos, por si só, não pode ser considerado como um comportamento antissocial. Parece-me que apenas se usa da Psicologia enquanto área do saber para tentar trazer credibilidade a suas elucubrações.

²³ Protagonista do filme “O Poderoso Chefão” de 1969.

animalizadas. Em uma sociedade pautada pelo racismo as pessoas racializadas são reduzidas ao biológico por meio de narrativas e práticas que tem por intuito legitimar sua “pouca evolução”, aproximando-as de animais. Enquanto que as mulheres brancas são produzidas socioculturalmente como “frágeis”, as negras são compulsoriamente produzidas como fortes, como “mulas” (Albuquerque; Diniz, 2022).

Entretanto, dentro da machosfera as mulheres costumam ser apresentadas genericamente como brancas, costumeiramente são mulheres brancas que são representadas e fazem parte de seus exemplos, suas discussões. Quase como se para estes sujeitos negras se quer figurassem como mulheres.

Sejam desenhadas como irresponsáveis e imaturas ou como más, quase demoníacas; mulheres sempre são colocadas em uma posição de alteridade, como o outro completamente distinto. O qual se pode esvaziar de subjetividade e singularidade, a fim de construir sua imagem de forma a relegar a uma posição de subalternidade onde justifica-se e legitima-se o controle masculino sobre estas. Torna-se possível ferir o outro sem ferir a si mesmo, a partir do momento em que este outro é construído como um ser completamente distinto, e não como alguém que compartilha da mesma condição humana.

Considerações Finais

Através deste trabalho de cartografia foi possível observar que dentro deste movimento há um esforço por deslegitimar todas as pautas feministas, invisibilizando toda a opressão e toda a violência a qual as mulheres foram/são submetidas, enquanto que colocam o homem, branco, heterossexual para ocupar o lugar de grande vítima. Se todo sistema de opressão traz consigo e perpetua um desprezo pela subjetividade do grupo oprimido, é isto que vemos de forma gritante dentro da mansosfera. A forma como esses grupos de homens, que não mais possuem os mesmos privilégios de outrora, retratam as mulheres denota todo ódio e desprezo que sentem por estas. Portanto, antes de mostrar qualquer “verdade por trás dos véus da *matrix*”, acaba por apenas trazer à tona e legitimar toda a misoginia ainda latente em nossa sociedade.

Apesar de a princípio muitos desses sujeitos tentarem se mostrar como alguém que está apenas preocupado em discutir problemas que afligem homens na contemporaneidade, sempre acabam desembocando em ódio direcionado às mulheres.



Não há nada de novo ou de vanguardista nesse movimento, traz o ódio e o desprezo pelas mulheres e pelo feminino que sempre estiveram presentes de forma mais ou menos explícita no meio social. Podem ser mais ou menos explícitos em suas colocações, mas em todos os grupos há a presença de ideias que culminam na defesa de uma suposta supremacia masculina. Esforçam-se para tentar trazer um ar de intelectualidade e racionalidade para aquilo que, em última instância, é apenas ódio. Quando acima mencionei que suas motivações em nada são éticas, me referia ao fato de que no cerne de suas reclamações está a defesa de uma supremacia masculina, na qual as mulheres são inferiorizadas e condenadas a um lugar de subalternidade. E assim, criam um ambiente confortável para dar vazam a toda a misoginia que ainda precisa ser superada em nossa sociedade.

Vemos a importância de combater a ascensão desses grupos, desvelando aquilo do que realmente se tratam e a lógica desumana e cruel que levam adiante. Vemos, mais do que nunca, em tempos de tanto obscurantismo, a necessidade de promover debates melhores, trazendo conhecimento confiável que parta de princípios éticos e honestos. Para que possamos assim apontar para um horizonte onde exista respeito por todas as formas de ser no mundo e pela diversidade intrínseca a condição humana.

Referências

ALBUQUERQUE, Fabiane; DINIZ, Vanessa. A infantilização de mulheres brancas:: dispositivo de raça, gênero e classe na construção de subjetividades. **Teoria e Cultura**, v. 17, n. 3, p. 60-69, 2022.

BEIRAS, Adriano; LODETTI, Alex; CABRAL, Arthur Grimm; TONELI, Maria Juracy Filgueiras; RAIMUNDO, Pablo. Gênero e super-heróis: o traçado do corpo masculino pela norma. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, p. 62-67, 2007.

BUTLER, Judith. **Discurso de ódio**: uma política do performativo. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, n. 01, p. 241-282, 2013.

COSTA, Luciano Bedin da. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista digital do LAV. Santa Maria, UFSM. Vol. 7, n. 2 (maio./ago. 2014), p. 65-76, 2014.**



FALLGATTER, Bruno Guilherme Hoffmann et al. Masculinidade hegemônica na adolescência: Reflexões a partir da série Euphoria. **Revista de Pesquisa e Prática em Psicologia**, v. 1, n. 1, p. 137-161, 2021.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970/Michel Foucault; tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

FOUCAULT, Michel. Política e ética: uma entrevista. In: **Ditos & Escritos** V - Ética, Sexualidade, Política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. In: **Microfísica do poder**. 2005. p. 295-295.

FREITAS, Maryana Chott; DA SILVA, Caíque Tomaz Leite. DO PÁTRIO PODER AO PODER FAMILIAR. **Intertemas** ISSN 1516-8158, v. 18, n. 18, 2013.

GUATTARI, Félix; DELEUZE, Gilles. Mil platôs. **Capitalismo e Esquizofrenia**. Rio de Janeiro, v. 34, 1995.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos pagu**, n. 5, p. 7-41, 1995.

HOMENS E IRMÃOS. **Perseu com a cabeça da Medusa**. Outubro, 2020. Instagram: Homens e irmãos. Disponível em: <https://www.instagram.com/homenseirmaos/> Acesso em: agosto de 2021.

KEHL, Maria Rita. **Ressentimento**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2020.

KEHL, Maria Rita. O ressentimento na masculinidade. In: APPOA. **Masculinidade em crise**. Porto Alegre: APPOA, 123-143, 2005.

KIMMEL, Michael. **Angry white men: American masculinity at the end of an era**. UK: Hachette, 2017.

KONRAD, Márcia. Medusa e a questão de gênero ou a punição por ser mulher. **Educação, gestão e sociedade**: revista da faculdade Eça de Queiroz. A, v. 7, 2017.

MANUAL REDPILL. **Proteção primeiro, carinho depois**. Novembro, 2021. Instagram: Manual Redpill. Disponível em: <https://www.instagram.com/manualredpill/> Acesso em: Novembro de 2021.

MGTOW CLUB. **Areias movediças**. Novembro, 2021. Instagram: MGTOW Club. Disponível em: <https://www.instagram.com/mgtowclub/> Acesso em: novembro de 2021.

MOL, Annemarie et al. Política ontológica: algumas ideias e várias perguntas. **Objectos impuros: experiências em estudos sobre a ciência**. Porto: Afrontamento, p. 63-75, 2008.

MOL, Annemarie. **The body multiple**. Duke University Press, 2003.



NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A genealogia da moral**. São Paulo: Lafonte, 2017.

OLIVEIRA, Caíque Diogo. Transformando angústia em raiva: o homem branco em fins de sua hegemonia. **Quaestio-Revista de Estudos em Educação**, v. 22, n. 3, p. 957-962, 2020.

O HOMEM RACIONAL. **Toda vez que elas dizem**: “não faço X coisa por Y motivo” Lembre-se: Ela não faz com você, com outro que desperte o desejo ardente ela fará. Novembro, 2021. Instagram: O homem racional. Disponível em: <https://www.instagram.com/ohomemracional/> Acesso em: novembro de 2021.

O HOMEM RACIONAL. **Cuidado com a mulher que vê um relacionamento tradicional, como um passe para a liberdade dela**. Outubro, 2021. Instagram: O homem racional. Disponível em: <https://www.instagram.com/ohomemracional/> Acesso em: outubro de 2021.

O HOMEM RACIONAL. **Espertinhas dizem**: “meu valor não é baseado no meu histórico sexual” Ok, então um par de tênis que já teve 50 donos anteriormente, deve valer o mesmo que um par de tênis novos? Uhum, senta lá. Dezembro, 2021. Instagram: O homem racional. Disponível em: <https://www.instagram.com/ohomemracional/> Acesso em: dezembro de 2021.

O HOMEM RACIONAL. **Arquétipo da Eva**: Uma lição de Eva, acerca da teimosia e infantilidade de algumas mulheres. Junho, 2021. Instagram: O homem racional. Disponível em: <https://www.instagram.com/ohomemracional/> Acesso em: julho de 2021.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides. **A cartografia como método de pesquisa-intervenção**. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (orgs). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, p. 17-31, 2015.

SAMURAI REDPILL. **Magia negra do magnetismo feminino**. Outubro, 2021. Instagram: Samurai Redpill. Disponível em: <https://www.instagram.com/samurairedpill/> Acesso em: outubro 2021.

SAMURAI REDPILL. **Mulheres que podemos manter um relacionamento estável até que se tornem incorrigíveis**. Setembro, 2021. Instagram: Samurai Redpill. Disponível em: <https://www.instagram.com/samurairedpill/> Acesso em: novembro de 2021.

SAMURAI REDPILL. **Mulheres são como crianças, dê a elas o que precisam e não o que te pedem**. Setembro, 2021. Instagram: Samurai Redpill. Disponível em: <https://www.instagram.com/samurairedpill/> Acesso em: setembro de 2021.

SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. **Da crítica feminista à ciência a uma ciência feminista?**. labrys, études féministes/ estudos feministas janvier /juin 2007 - janeiro / junho 2007. Disponível em: <https://www.labrys.net.br/labrys11/libre/cecilia.htm>



VAN VALKENBURGH, Shawn P. Digesting the red pill: Masculinity and neoliberalism in the manosphere. **Men and Masculinities**, 2018.

ZAMBENEDETTI, Gustavo; SILVA, Rosane Azevedo Neves da. **Cartografia e genealogia**: aproximações possíveis para a pesquisa em psicologia social. *Psicologia & Sociedade*, v. 23, p. 454-463, 2011.

WRIGHT, Peter. **O Ginocentrismo e suas origens culturais**. 2020. Disponível em: <https://mdhbrasil.org/2020/06/23/o-ginocentrismo-e-suas-origens-culturais-partes-3-e-4/>. Acesso em: setembro de 2021.